

Técnica e arte **Rudolf Steiner**

GA 275* Primeira palestra Dornach 28 dezembro de 1914

Tradução: Salvador Pane Baruja, 16/03/2026

Uso particular e sem fins lucrativos

NT: O início da primeira guerra mundial em agosto de 1914 foi para Rudolf Steiner mais uma razão para continuar suas atividades espirituais. Esta palestra, assim como outras, foi dirigida aos trabalhadores de vários países que colaboravam na construção do prédio da Sociedade Antroposófica em Dornach. O título da palestra é de Marie Steiner, as notas taquigráficas de Rudolf Hahn, Clara Michels e Franz Seiler.

As palestras até agora aqui¹ apresentadas estavam destinadas a criar uma ponte entre os conhecimentos da ciência espiritual e a necessária compreensão da vida do presente, e eu penso também em fazer nos próximos dias algumas observações a esse respeito.

O que chamamos de vida moderna desafia vivamente aquelas pessoas que, digamos assim, foram arrancados pela vida urbana do contato direto com a natureza ou que mantinham alguma relação com ela. Nós sabemos que, a partir do surgimento da vida moderna, as pessoas sempre se perguntaram qual é o significado da vida moderna para o conjunto do progresso cultural da humanidade, tanto material quanto espiritual. Ora, os impulsos que sentimos que provêm da ciência espiritual devem ser incluídos nessa vida moderna. Gradualmente, vamos conquistar a sensação de que a ciência espiritual é necessária diante do que essa vida apresenta. Ela é uma espécie de compensação pelo que a vida moderna contém de deprimente, pode-se até dizer de destrutivo, para as forças vitais divinas e espirituais do ser humano.

Pode-ser dizer que, quem estiver em condições de realmente permitir-se sentir nos estágios iniciais da vida iniciática como a cultura moderna influi nas relações vitais, terá experiências que podem ensinar mais profundamente sobre o significado da vida moderna para o conjunto da vida humana do que as observações exteriores, que não estão imbuídas de espiritualidade. Quero dizer que, aquele que tiver dado os primeiros passos na vida iniciática, vivencia de maneira diferente a experiência de passar uma noite num trem ou num barco a vapor {NT: depois do fim da primeira guerra mundial, o motor diesel substituiu gradualmente a turbina a vapor}, especialmente quando dormimos neles.

A diferença entre quem começa a vida iniciática e quem não tem nenhum contato com essa vida esotérica é que a primeira pessoa vivencia e aprende a reconhecer conscientemente as vivências do que realmente lhe ocorre quando passa uma noite, mais ainda quando dorme, no trem ou no barco a vapor. Evidentemente, as influências que a partir dessa vivência atingem a totalidade do organismo humano são sentidas tanto por quem não conhece a iniciação quanto por quem aprende a conhecer essas influências por meio da iniciação. Claro está que aí não existe nenhuma diferença em relação ao conjunto dos seus efeitos na natureza humana.

¹ Veja as palestras de 12 a 20 de dezembro de 1914 em GA 156 *O ler e o ouvir ocultos*, Rudolf Steiner Verlag, Dornach, terceira edição, 2003.

Se quisermos entender o que se quer dizer com estas observações, devemos então lembrar-nos de uma verdade da ciência espiritual muito conhecida por nós. Concretamente, que, enquanto dormimos, o nosso Eu e o nosso corpo astral se retiram dos nossos corpos físico e etérico. Neste caso, devido a certas limitações impostas pelas leis cósmicas, de fato, o nosso Eu e o nosso corpo astral estão inicialmente muito próximos de nossos corpos físico e etérico. Assim, quando dormimos durante uma viagem de trem, estamos fundamentalmente com nosso Eu e com o nosso corpo astral diretamente em cada freiada, em cada barulho, em cada ranger provocados pela locomotiva e pelas rodas do trem.

O mesmo ocorre com os modernos barcos a vapor. Nós estamos presentes em tudo o que ocorre ao nosso redor {mesmo enquanto dormimos}. Estamos dentro dessas experiências do nosso meio ambiente, que não são exatamente musicais, Só é preciso ter dado os primeiros passos da iniciação para, ao acordar de uma noite como essas, perceber como o Eu e o corpo astral que retornam aos corpos físico e etérico trazem consigo o que vivenciaram ao ser pressionados pela ação do motor, no qual realmente estiveram e do qual {NT: somente} saíram ao acordar.

Quem já acordou alguma vez com o eco da desarmonia de todo esse espremer, desse vai ou racha, que a máquina do navio ou do trem provocou no seu Eu e no seu corpo astral e o leva para os corpos físico e etérico, para a consciência diurna, percebe como tudo isso está muito pouco de acordo com o que ocorre no interior do ser humano, com o resultado das vivências do Eu e do corpo astral nos princípios constantes interiores dos corpos físico e etérico.

A pessoa realmente traz consigo a mais amarga desordem, o mais horrível barulho, um confronto, um chiar e ranger, e isso age de fato de tal forma no corpo etérico que, se a pessoa tiver uma fina sensibilidade, sente como se o seu corpo físico fosse esmagado e estraçalhado numa máquina, e o corpo etérico, em outra. Evidentemente, é uma comparação grosseira, mas os senhores vão entendê-la perfeitamente. Esta é um efeito colateral absolutamente necessário da vida moderna. Eu gostaria inicialmente de fazer, digamos assim, uma observação a título de advertência, porque os debates como o que eu hoje penso lançar podem facilmente despertar o que eu chamaria de a arrogância oculta dos teósofos^{NT}, uma certa arrogância oculta, que floresce abundantemente aqui e acolá.

Evidentemente, eu digo isso sem fazer a menor insinuação em geral, muito menos uma insinuação especial, pois, quando hoje em dia se debate algo assim da maneira convencional, as pessoas julgam imediatamente. No caso da arrogância apontada dos teósofos, acho que eles podem facilmente dizer: devo tomar muito cuidado para não expor a minha própria corporalidade a essas potências destruidoras, devo me proteger muito bem diante todas as influências da vida moderna, devo fechar-me lindamente num espaço com o ambiente apropriado, com as paredes pintadas com as cores aconselhadas pela Teosofia, de tal forma que a minha organização corporal não entre em contato com nada daquilo que a vida moderna traz.

Nas minhas discussões, realmente não quero gerar esse efeito. Essa atitude de, de certa forma, querer retirar-se, de proteger-se, das influências que o carma cósmico deve trazer para nós surge de uma fraqueza. Somente a Antroposofia pode fortalecer o ânimo humano, pode desenvolver a força que nos prepara e fortifica perante essas influências. É por isso que, no campo de nosso movimento espiritual, nunca deve florescer qualquer tipo de recomendação para a pessoa se retirar da vida moderna, para construir uma espécie de estufa, onde cultivaria a vida espiritual.

NT: Até três anos atrás, Rudolf Steiner ainda presidira a Sociedade Teosófica na Alemanha. Depois fundou a Sociedade Antroposófica.

A partir da base de uma verdadeira cultura espiritual, não se pode agir nunca dessa maneira. É compreensível que pessoas de natureza mais fraca gostariam de retirar-se da vida moderna em algum tipo de colônia, onde não teriam contato com a vida moderna, mas deve-se dizer que isso não surge de uma força da alma, mas de uma fraqueza. Só que a nossa tarefa deve ser a de fortalecer a alma à medida que nos compenetrarmos com os impulsos que provêm da ciência e da pesquisa espirituais, de tal forma que a alma possa suportar, mesmo que batida e martelada, e esteja em condições de achar o seu caminho às regiões divinas e espirituais, justamente depois de ter passado pelas batidas e marteladas dos espíritos arimânicos.

Devemos observar algo que eu já apontei repetidamente. Nós seres humanos não dormimos somente durante a noite. Nós dormimos de fato durante o dia, só que percebemos mais o sono noturno do que o diurno. À noite, a vida do pensar humano é abafada e, como o ser humano de preferência vive anímicamente nos seus pensamentos, naturalmente percebe mais durante o sono noturno que a sua vida do pensar está abafada. Durante o dia, a vida volitiva descansa mais e a pessoa percebe isso menos, porque ela vive menos na volição.

Uma consequência dessa situação é toda essa disputa entre filósofos a respeito da liberdade e da falta de liberdade da volição. Eles não consideram que pesquisam a volição enquanto {NT: a consciência humana} dorme durante o dia e, portanto, não podem chegar até a verdadeira natureza da volição. Assim, falam coisas muito inconsistentes sobre o livre arbítrio e sobre a volição desprovida de liberdade, a respeito do determinismo e do indeterminismo. De fato, enquanto desenvolvemos a nossa abrangente vida diurna, é muito pequeno o grau de consciência que temos da nossa vida volitiva, que mergulha no subconsciente, na região que nitidamente pertence ao corpo astral. É assim que, durante a nossa vigília diurna, participamos de todas as batidas e as marteladas da técnica que a vida moderna desenvolve em torno de nós. À noite, mergulhamos mais com a nossa vida do pensar e do sentir nessas batidas e marteladas, enquanto que, durante o dia, mergulhamos mais com a vida do sentir e do querer.

Bom, acontece que, no processo de desenvolvimento da humanidade, nem sempre existiu aquilo que chamamos de vida moderna. Vale dizer que, na essência, ela surgiu no início da quinta época cultural pós atlante². O início da quinta época cultural pós atlante também coincide com o início da vida moderna. O que fala a cultura exterior sobre o surgimento dessa vida moderna? Como sabemos, a cultura da atualidade tem orgulho do que conseguiu atingir através da vida moderna.

Ela diz que, durante toda a antiguidade e a idade média, os seres humanos não foram capazes de desenvolver uma verdadeira reflexão da natureza, que poderia ter levado às ciências da natureza. Isso só foi possível a partir dos últimos tempos. E, quando se fala assim da época moderna, ela então coincide com o início da quinta época cultural pós atlante. É quando {as pessoas} se libertaram da antiga reflexão da natureza e passaram a observá-la imparcialmente, meramente a partir de seus abstratos princípios constantes. Assim, as ciências da natureza chegaram, através do conhecimento dos princípios constantes da natureza, ao ponto de dominar de maneira incrível as forças da natureza. Aliás, ouve-se muito frequentemente esta {última} expressão.

² Veja o capítulo O desenvolvimento do mundo e o ser humano em *A Ciência Oculta Esboço de uma cosmovisão supra-sensorial* (Obra Completa volume 13), Editora Antroposófica, São Paulo, sexta edição, 2006.

Mas aí surgiu a técnica moderna, constituída por aquilo que o ser humano conheceu dos princípios constantes da natureza e, por sua vez, formou suas máquinas a partir da matéria, conforme esses princípios constantes da natureza. Com isso, o ser humano age na natureza e na vida, na medida em que ele que passa como uma máquina pela vida moderna e cria o seu meio técnico, portanto aquilo que é a vida moderna ao nosso redor e o que esta gera. Assim, vê-se que, primeiro, a época moderna fundamentou a verdadeira ciência natural e, com isso, o justo domínio da natureza e de suas forças.

É isso que se ouve falar frequentemente. Mas, quem fala assim, fala a língua de Árimã, pois isso foi dito na língua de Árimã. Vamos tentar desta vez traduzir essa fala arimânica numa língua real e verdadeira, da qual tentamos apropriar-nos novamente através da ciência espiritual. Esta não recebe simplesmente o significado que pode ser atribuído às palavras a partir da observação da natureza exterior, mas também o significado que a elas flui quando observamos o cosmos na sua totalidade, ou seja, quando observamos, ao mesmo tempo, a natureza {exterior} e a vida espiritual do cosmos.

Para começar, vamos observar assim exteriormente o que acontece quando construímos a técnica moderna. Eu diria que, inicialmente, nada mais acontece do que ver que o trabalho ocorre em duas etapas. A primeira etapa consiste em destruir a coerência da natureza. Quebramos a pedra e retiramos delas as pedras, maltratamos as florestas e delas retiramos a madeira e assim podemos continuar discorrendo.

Em poucas palavras, inicialmente criamos a matéria prima bruta, na medida em que batemos com violência na natureza e fragmentamos a sua coerência. A segunda etapa consiste em que juntamos novamente numa máquina aquilo que extraímos com violência da natureza, segundo princípios que considerados como princípios da natureza. Essas são as duas etapas, quando observamos essa situação exteriormente.

Mas, como é quando observamos a situação interiormente? Interiormente, a situação é a seguinte: quando fragmentamos a natureza, inicialmente a natureza mineral, sabemos, a partir de observações {NT: espirituais} anteriores, que isso está associado a uma certa sensação de bem estar que sente o ser elemental espiritual {presente} no mineral. Isso não deve nos preocupar. É importante saber que, naquilo que acontece, expulsamos os espíritos elementais que mantêm a natureza unida, que pertencem ao reino, à esfera, das hierarquias que evoluem corretamente. Os seres espirituais elementais estão presentes em todo e qualquer ser existente na natureza. Na medida em que fragmentamos a natureza, estamos expulsando os espíritos da natureza para fora do reino espiritual.

O que acontece na primeira etapa está, de fato, permanentemente associado a essa situação. Quando batemos e fragmentamos a natureza material e assim arrancamos os espíritos elementais da natureza, de certa forma, podemos dizer que os expulsamos das esferas a eles atribuídas pelos deuses javeístas para um reino, onde podem flutuar livremente e não estão mais ligados à morada que lhes fora atribuída. Portanto, a primeira etapa poderíamos chamar de a expulsão dos espíritos da natureza. A segunda etapa ocorre quando juntamos, a partir dos princípios da natureza que reconhecemos, aquilo que quebramos e fragmentamos da natureza. Portanto, quando criamos, conforme princípios da natureza que reconhecemos, uma máquina ou um conjunto de máquinas a partir da matéria prima bruta, aí, por outro lado, colocamos certas entidades elementais dentro do objeto que formamos.

Os objetos que formamos dessa maneira não estão de jeito nenhum desprovidos de espírito. Na medida em que os formamos, preparamos o terreno para outros seres espirituais, que são entidades da hierarquia arimânica, porque nós os encantamos dentro de nossos objetos criados mecânicamente. Portanto, na primeira etapa, encontramos os seres da natureza que estão em processo de permanente desenvolvimento, os retiramos {NT: de seu ambiente original} e, na etapa seguinte, unimos esses espíritos arimânicos às máquinas e outros objetos técnicos que construímos. Mas acontece que, nos últimos tempos, vivemos dentro desse meio técnico, criamos um ambiente absolutamente arimânico, no qual estamos dormindo, seja de dia, seja de noite.

Por isso, não é nenhuma surpresa para quem se encontra no primeiro estágio iniciático ver que, ao acordar {NT: o sono noturno}, ele traz consigo o que vivenciou no seu ambiente exterior {no trem ou no barco} sob a forma de sussurros, barulhos e confrontos, que sente como algo destrutivo ao retornar com seu Eu e seu corpo astral para o interior dos seus corpos etérico e físico. Isto é assim porque ele traz consigo para o seu próprio organismo, digamos assim, as consequências da convivência com os seres elementais arimânicos. Ainda podemos falar de uma terceira etapa, que é a etapa cultural, na qual nos enchemos dos seres elementais arimânicos que se encontram no nosso ambiente técnico, nós estamos literalmente entupidos desses seres. Essa é a situação, olhada interiormente.

Agora que, por assim dizer, passamos a conhecer o lado oculto da vida moderna, olhemos então retrospectivamente para os tempos quando o ser humano vivia mais de tal forma que, ao dormir, estava separado da natureza apenas por muros espirituais ligeiramente permeáveis, ou trabalhava durante o dia no interior da natureza, na qual ainda estavam os espíritos plenos da hierarquia de Javé. Podemos dizer que, naquela época, o Eu e o corpo astral das almas humanas traziam para os corpos físico e etérico os elementos da espiritualidade da natureza, que agiam estimulando a vida interior das pessoas.

À medida que recuamos na história do desenvolvimento da humanidade, encontramos cada vez mais aquilo que hoje em dia torna-se crescentemente escasso. Ou seja, as pessoas não estavam entupidas pelos espíritos arimânicos da técnica, mas em contato com os espíritos da natureza que se desenvolvem continuamente. Se os senhores permitirem, pode-se dizer que os bons espíritos das hierarquias estavam unidos ao que ocorria nas entidades ou nos fatos da natureza exterior.

Assim, o ser humano conseguia manter a ligação que deve ter se quiser chegar ao estágio de um ser humano no verdadeiro sentido da palavra, o que se dá na medida em que busca essa ligação no seu interior ao longo da vida, em que ele pode descer às profundezas da sua alma e lá encontrar as forças que o conduzem ao espiritual do cosmos. O ser humano provém do cosmos, no qual ele está inserido e do qual pode ser separado e que, aliás, já foi separado por meio da percepção sensorial e do pensamento lógico, mas que agora, como acabamos de ver, também a vida moderna o entope de espíritos arimânicos.

Somente porque o ser humano desce às profundezas de sua própria essência é que ele chega a ter uma conexão com os seres divinos e espirituais que lhe são bons e benéficos, um contato com as hierarquias espirituais que se encontram em contínuo desenvolvimento. O encontro do ser humano com as hierarquias espirituais, para o qual de fato nascemos espiritualmente, {ou seja} a vida conjunta com esses seres, torna-se cada vez mais complicado para o ser humano, devido a que o ambiente da técnica moderna se impõe cada vez mais no mundo. De certa forma, o ser humano é arrancado de seu contexto cósmico e espiritual e as forças que ele deve desenvolver interiormente para permanecer em contato com o cosmos anímico e espiritual são abafadas e escurecidas.

Portanto, quem já deu os primeiros passos iniciáticos percebe que tudo aquilo que é mecânico e entra na vida moderna penetra de tal forma o ser humano que destrói e mata muito do que nele existe de anímico e espiritual. O iniciado ainda percebe que essa destruição dificulta sobremaneira o desenvolvimento das forças interiores, das quais realmente precisa para estabelecer a conexão – espero que os senhores não entendem de maneira equivocada essa expressão – com as legítimas entidades espirituais da hierarquias.

Quando quem já deu os primeiros passos iniciáticos tenta chegar através da meditação ao mundo espiritual durante uma viagem em trem ou navio, vai ver como custa desenvolver as forças da contemplação e da clarividência que o levam a essa meta. Mas ele percebe também como o mundo arimânico o enche com tudo aquilo que impede a sua entrega ao mundo espiritual e a luta é gigantesca. Pode-se dizer que é uma desgastante e esmagadora luta que ocorre no corpo etérico {do iniciado}.

Evidentemente, quem não deu os primeiros passos iniciáticos também vivencia essa luta. A diferença está apenas em que quem deu os primeiros passos iniciáticos a identifica conscientemente. Todo mundo tem que vivenciar essa luta, todo mundo sente as suas consequências. Seria a afirmação mais falsa dizer que é preciso opor-se ao que a técnica nos traz na vida moderna, que a pessoa deve-se proteger de Árimã, que deve-se afastar da vida moderna. Isso significaria, de certa forma, uma covardia espiritual. O verdadeiro remédio não consiste em deixar esmorecer as forças da vida moderna e afastar-se dela, mas em fortalecer as forças da alma, de forma a poder tolerar a vida moderna.

É necessário assumir uma atitude corajosa na vida moderna, conforme o carma cósmico. E é por isso que a verdadeira ciência espiritual possui esse caráter especial de exigir desde o início esforços mais ou menos intensos da alma humana. Ouve-se frequentemente dizer que os livros disponíveis sobre a moderna ciência espiritual são escritos de maneira difícil, exigem realmente esforço do leitor, isso para que ele aja ativamente no desenvolvimento de suas forças anímicas e, assim, possa viver integralmente na ciência espiritual. Pessoas “benevolentes”, eu digo isso entre aspas, querem permanentemente facilitar as coisas dos seus semelhantes nas situações difíceis e, assim, agora falo sem usar aspas, banalizam aquilo que foi escrito em certo estilo de difícil compreensão.

Porém, pela sua própria essência, a ciência espiritual exige a atividade da vida anímica, de tal forma que, de certa maneira, uma pessoa não chega facilmente ao conhecimento dessa ciência. Não é o caso de {alguém} simplesmente acolher isto ou aquilo que a ciência espiritual diz, mas *como* {sic} é acolhido {pela pessoa}, com esforço, acolhendo na medida em que a pessoa ativa a sua alma – os senhores queiram desculpar a expressão pouco educada – no sentido de ter que conquistar os bens da ciência espiritual com o suor da alma. Isto faz parte do funcionamento da ciência espiritual, e agora os senhores queiram desculpar a expressão mecanicista.

Quando, de certa forma, a pessoa evita lidar com idéias e conceitos de difícil entendimento, ela mostra ter uma compreensão equivocada da essência da ciência espiritual. Sabemos que muitas pessoas fogem disso, que muitas pessoas preferem sonhar, que querem desde o início se deixar encantar por todo tipo de imagens oníricas do mundo espiritual - “ao seu amado ele o dá enquanto dorme!” {NT: Salmos 127, 2} - no lugar de, através do {próprio} esforço conquistar o conhecimento da vida anímica interior.

Sabemos que muito gostam mais de vivenciar uma ou outra visão do que sentar-se para estudar um livro que trata de assuntos difíceis da ciência espiritual. Um livro assim é o meio apropriado para abordar essas forças da alma humana que permanecem adormecidas durante a vida do dia a dia, ou seja, assim coloca {a pessoa} no mundo espiritual e acaba estimulando o que, caso contrário, permaneceria inconsciente nela. A atitude correta não é aquela de aceitar apáticamente a consciente vida cotidiana e nela flutuar tristemente, mas a de esforçar-se para ativar a alma, através do que é dado para o desenvolvimento de pensamentos e idéias.

Quando a pessoa se esforça, corajosamente se adapta ao desenvolvimento de idéias e pensamentos, então passa através dessa ativa e corajosa adaptação para o estágio em que a simples teorização, o mero pensar, o simples achar que é verdadeiro aquilo que é dado, abre espaço para a contemplação, para uma verdadeira presença no mundo espiritual. Mas o que justamente surge por meio dessas contemplações como uma moderna concepção da vida é que, através do ambiente técnico, entramos numa espécie de esfera arimânica, que nos preenche com a espiritualidade arimânica.

A maior infelicidade no desenvolvimento da Terra teria acontecido se, em tempos antigos, a atual humanidade não tivesse preparada para aquilo que, conforme o carma do mundo, ela deve vivenciar sob a influência da espiritualidade arimânica. Eu diria que a vida transcorre como as oscilações de um pêndulo e não poderia ser diferente. Sente-se a vida como se fosse atingida pelas batidas de um pêndulo, ora para um lado, ora para um outro. Assim, não se pode dizer a uma pessoa: você deve-se proteger de Árimã! Porque não existe nenhum meio para se proteger de Árimã.

Quem almeja constantemente se refugiar no seu quarto pintado com a sua cor preferida, longe de fábricas e estradas de ferro, para se afastar completamente da vida moderna, deve saber que, mesmo assim, existem muitos meios para que a espiritualidade arimânica chegue à sua alma. A pessoa pode-se afastar da vida moderna, mas com certeza a espiritualidade moderna vai encontrar um jeito de chegar a essa pessoa.

O que evitou que uma infelicidade atingisse o desenvolvimento humano é o fato que ocorreu e que eu já sugeri muito tempo atrás no ciclo de conferências proferidas em Munique³³. Levar em consideração todas as circunstâncias faz parte da ativa vivência da moderna ciência espiritual. De certa forma, ao ser humano lhe foi dado a arte, que também retira da natureza a sua matéria prima bruta, na medida em que bate e fragmenta essa matéria prima em duas etapas, depois reúne em algo novo e lhe assopra uma certa vida, mesmo que apenas no sentido figurado.

Essa vida, formada por meio do impulso artístico do passado, é apropriada para preencher a matéria com a espiritualidade luciférica, conforme eu disse em Munique. A espiritualidade luciférica, a bela aparência, tudo aquilo da arte que age no ser humano, é o afastamento do ser humano da matéria para o espiritual, mas por meio da vida material. Lúcifer é o espírito que sempre foge da matéria e de maneira ilegítima quer conduzir o ser humano à vida espiritual. Essa é a outra batida do pêndulo. Somente porque na presente encarnação devemos passar pela experiência de viver no meio técnico é que torna-se possível relacionar-se com Árimã, algo que em encarnações passadas podia estar escondido no elemento artístico. Assim, colocamos as atuais forças arimânicas em oposição a certas forças luciféricas, o que conduz ao equilíbrio entre ambas, enquanto que, no passado, o pêndulo oscilava para um lado ou para o outro.

3 Confira a sexta palestra de *Os mistérios do limiar* GA 147, Rudolf Steiner Verlag, Dornach, sexta edição, 1997.

A ciência espiritual quer especialmente que o ser humano não passe sonolento e sonhando através do que o carma cósmico lhe impõe. Só que as pessoas que não querem saber da ciência espiritual passam sonolentas e sonhando em meio a todas as influências arimânicas e luciféricas da vida. Elas estão sujeitas a essas influências e a esses efeitos, mesmo que nada saibam a esse respeito. Portanto, não é possível continuar vivendo assim, pois só é possível seguir vivendo conscientemente. É para isso que a ciência espiritual está aí, para que as pessoas não passem mais sonolentas e sonhadoras pelo mundo, mas que possam chegar a saber em que ambiente vivem.

Para isso, contudo, devemos nos aventurar, diria eu, pelas intimidades do empreendimento que é a ciência espiritual, desculpem os senhores a expressão. Frequentemente, não prestamos atenção a essas intimidades, o que eu mesmo posso vivenciar quando leio a versão escrita das minhas palestras. O que frequentemente deve ser importante para mim não encontro na versão escrita. Observem os senhores apenas dois aspectos que acabei de mencionar. Acabei de utilizar uma frase para dizer que a ciência espiritual não quer algo, mas deve querer ou tem que querer.

Essa é uma espécie de gíria que se apresenta de maneira absolutamente natural, inocente, para quem fala a partir do espírito da ciência espiritual, pois a ciência espiritual evidentemente leva a tomar de maneira muito mais impessoal as verdades da vida espiritual do que as verdades de outras ciências. Falando no estilo de outras ciências, uma pessoa diria “a ciência espiritual quer isto ou aquilo”. Mas ela diz: “como a ciência espiritual pode querer ou deve querer”. E eu digo: “como eu devo me expressar” e não “como eu me expresso”.

Muito depende justamente dessas intimidades e não devem ser ignoradas. Acima de tudo, devemos começar a acreditar que depende disso, que a ciência espiritual chegue até o mais íntimo das forças anímicas do ser humano e que estas estejam em condições de transformar-se. É por isso que não se pode pensar em chegar à ciência espiritual da mesma maneira como as pessoas estão acostumadas a pensar na vida cotidiana. Ainda existe muito pouca consciência do que estou dizendo.

Eu diria que é possível perceber, digamos assim, sentir os grosseiros sintomas do desenvolvimento científico. Um exemplo entre muitos outros é que a moderna ciência religiosa, a irreligiosa ciência da religião, tem se aproveitado que conseguiu descobrir certos conhecimentos da relação, digamos assim, entre frases e mandamentos do Novo Testamento, do Velho Testamento e os pagãos. Por exemplo, examina-se cada frase do Pai Nosso segundo a sua origem e conclui-se que: “esta frase já existia aqui {NT: numa época do passado}, aquela outra lá {em outra época}”. Quando se ouve isso, poderia parecer algo meramente sofrível.

Mas no momento em que se entra na contemplação histórica, na contemplação histórica espiritual, do mistério do Gólgota, percebe-se que todos esses elementos surgem num novo contexto e que não tem a menor importância descobrir que todas as frases já existiram em tempos anteriores, mas o que importa é observar sempre o contexto das frases, que assim adquirem novas nuances. E elas são sempre diferentes no Novo e no Velho Testamentos. Dessa maneira, o que veio do mistério do Gólgota leva a questões muito íntimas. Frequentemente, as palavras e os contextos entre elas permanecem as mesmas ao longo do tempo, mas o que importa é a forma como esses contextos são matizados e nuances.

Por exemplo, é descomunal como o conceito, a representação, do Eu no desenvolvimento da língua é organizado de maneira muito diferente à medida que se recua nos tempos pré cristãos e quando se pesquisa {esse desenvolvimento} após o mistério do Gólgota. A forma como se fala a respeito do Eu muda, torna-se diferente, e isso já se sente na configuração da língua. Por exemplo, em muitas línguas o Eu está sigilosamente incluído no tempo verbal e aí significa algo completamente do que quando é apresentado e falado separadamente do verbo e assim por diante.

O que importa é que, através da ciência espiritual, elaboramos uma concepção de vida, pela qual contemplamos conscientemente as influências que agem na nossa organização física, anímica e espiritual. A forma como eu apresentei a relação do ser humano com o seu meio tecnológico encontra-se naturalmente no início do seu desenvolvimento. Transcorreram apenas quatro séculos {NT: desde o início da quinta época cultural no século XV} até que esse tema passou a ter a abrangência que hoje possui.

O orgulhoso século XIX deu um enorme passo em direção à arimanização da vida humana. E ainda serão dados passos muito importante no futuro da evolução humana no sentido dessa arimanização. Há quatro séculos que estamos nela. Avançamos lenta e gradualmente. Hoje já atingiu uma espécie de culminação para muitos de nossos semelhantes, que, devido ao isolamento da vida na cidade, mal conhecem uma relação com os autênticos espíritos da natureza.

Certa vez⁴ eu disse, falando simbolicamente, que é fundamental para o desenvolvimento do ser humano, que ela possa distinguir a aveia da cevada. Mas realmente existem muitas pessoas nas cidades que não conseguem mais distinguir a aveia da cevada. Talvez ainda consigam distinguir as plantas entre si, o que é relativamente fácil, mas no caso do grão, não conseguem mais distinguir um do outro. Se a pessoa vive na cidade, ou se nela nasceu, não pode mais distinguir facilmente entre esses dois grãos.

Só que o desenvolvimento da humanidade ocorre de tal forma que, sempre que uma etapa está muito avançada, ela está ligada a uma outra vivência, por assim dizer, a uma outra etapa, que se encontra em uma corrente paralela. É assim que ocorreu. Na medida em que o homem moderno avançou em direção a Árimã da forma como eu descrevi por meio da vida ligada à técnica, ele também avançou em direção a Árimã de uma outra maneira. Se no lugar da grosseira análise histórica gerada pelo materialismo houvesse uma análise histórica espiritual, já teria sido possível antever o que agora a ciência espiritual tem que dar a entender.

Se fizermos uma retrospectiva dos tempos anteriores aos últimos quatro séculos, veremos que o ser humano não somente se relacionava de outra forma com o seu meio ambiente, mas que ele mantinha uma outra relação, uma relação muito diferente, que torna-se visível nele mesmo, realmente vê-se essa relação na própria pessoa. Ela se relacionava de outra maneira com a sua língua, com a sua forma de falar.

Na língua não se manifesta apenas aquilo que a moderna ciência materialista acredita existir, mas nela se manifesta aquilo que de muitas formas se relaciona com a vivência humana não muito consciente, que de muitas formas ocorre nas regiões do subconsciente humano, que, portanto, também estão impregnadas por entidades espirituais. As entidades espirituais vivem na língua humana, agem nela e, na medida em que o ser humano forma palavras, compõe palavras, as entidades espirituais elementais penetram nelas.

4 Veja no final da primeira palestra de *O ler e o ouvir ocultos* GA 156. A palestra foi publicada como separata pela Editora Antroposófica, São Paulo.

Nas asas das palavras voam entidades espirituais pelo espaço onde os seres humanos se relacionam entre si. Portanto, é muito importante prestar atenção a certas intimidades da língua e não se deixar levar pela arbitrariedade da vida das paixões quando se fala. Pode-se dizer que, até os séculos XV e XV, as pessoas se relacionavam de tal forma com a língua que nela encontravam algo da vivaz vivência da espiritualidade elementar disponível no idioma. Ele ainda tinha algo dessa vivência da espiritualidade elementar da língua. Ele ainda sentia a espiritualidade da língua, pois esta é, de certa forma, mais genial e espiritual em determinado sentido do que cada indivíduo isoladamente. Hoje em dia, sente-se somente vez por outra como o ser humano, a partir da atitude materialista, digamos assim, volta a sentir a genial espiritualidade da língua.

Certa vez assinalei mesmo com exemplos corriqueiros como a pessoa, através da sua atitude, pode sair da postura materialista da atualidade, No fundo, muitas pessoas fazem isso, mas não são conscientes. Por exemplo, quando alguém passa ao longo do {rio} Reno, fala-se do “velho {rio} Reno”. Mas o que quer se dizer com isso? Certamente, a pessoa que assim fala sente algo. Mas o que ela quer dizer com isso?

Eu não acredito que, quando alguém fala de “o antigo {rio} Reno”, esteja falando do leito do rio, da cavidade escavada na Terra. Isso seria o único elemento permanente. Fora isso, não é possível de jeito nenhum descobrir o que é esse “antigo {rio} Reno”, a água é com certeza nova, pois flui constantemente e, quem tentar achar algo antigo não vai encontrar nada, exceto a cavidade do leito do rio. O antigo {rio} Reno! A língua é mais genial do que o ser humano, pois, evidentemente, a língua se refere ao Deus do rio Reno, mesmo que a pessoa não tenha consciência disso. A entidade elementar à qual pertence é caracterizada adequadamente quando se fala do “antigo {rio} Reno”.

Esse é um exemplo grosseiro. A língua é por toda parte impregnada de tamanha espiritualidade, de tamanha crença no espiritual. E pelo menos uma sensação dessa relação com a espiritualidade através da língua ainda existiu realmente na natureza da alma humana durante o decorrer da quarta época cultural pos atlante até a época moderna, até os séculos XV e XVI em todos os povos europeus. Quem não capta isso, também não possui o sentimento adequado do início do Evangelho de João. No início do Evangelho de João, consta a frase: “No início, era o Verbo”, que levou a ter consciência de que a palavra {o Verbo} está na totalidade da organização e na vida humanas, e assim é manifestada a relação do ser humano, inicialmente através da espiritualidade elementar, com todo o universo que existe por trás do mundo sensorial,

Quando observamos através dos meios da ciência espiritual como vida do ser humano transcorreu nos séculos desde a Idade Média até a Idade Moderna, vemos, se pudermos olhar no interior das almas, que, de fato, a relação do ser humano com a sua língua ainda era diferente no decorrer da quarta época cultural pos atlante, sim, mesmo ainda na última fase, nos séculos XIV e XV. As pessoas ouviam em tudo, por assim dizer, matizes, autênticos matizes. Hoje ninguém mais acredita nisso, porque o ser humano realmente só vive materialmente nos sons da língua.

Algo espiritual ressoava {na língua}, como o som das mesmas coisas { mas} numa oitava menor. Quando alguém falava ou ouvia falar, algo ressoava que não se manifestava mais {explícitamente} numa língua, mas era algo de caráter humano em geral. Pode-se realmente dizer que, enquanto a vivência humana se expressava integralmente como se fosse durante a florescimento da língua, hoje em dia a humanidade vivencia essa florescimento como se fosse a vibração dos sons no ouvido, e vivencia os sons como algo com significado.

Em contrapartida, antigamente a vivência era um mergulhar na totalidade do elemento da língua, em algo que ressoava junto nas diversas línguas e não se expressava {explicitamente} nelas. A humanidade foi afastada do gênio da língua. Ninguém pode entender o retrocesso que realmente ocorreu entre os séculos XV e XVII, que não está de acordo com isso curioso abafamento dos matizes da vivência linguística. O ser humano perdeu alguma coisa, que emerge no contexto dos acontecimentos históricos, seja nas lutas, seja nas ações de paz. A alma humana vivenciava {esses matizes} até esses séculos. Todo o ressoar dos matizes da vivência linguística ainda convivia na alma humana.

É por isso que toda a história desta época tem um caráter muito diferente daquele que ocorre nos tempos posteriores. Na medida em que a pessoa se dedica à ciência espiritual, eu diria que ela deve desenvolver um ouvido espiritual para esse ressoar muito diferente dos eventos que ocorreram ainda na época medieval em comparação aos dias de hoje, porque as almas humanas vivenciavam de maneira muito diferente o que naquele então podiam vivenciar. Por exemplo, eu quero escolher as cruzadas como sendo vivências da humanidade, como vivência anímicas. Elas só podem ser pensadas da forma como foram vividas na Idade Média quando se sabe que nessas experiências existiam nuances espirituais das vivências da língua. As pessoas da atualidade certamente não se sentiriam tocadas pela palavra do sínodo de Clermont⁵ – Deus quer assim, *Dieu le veut* {NT: no original} como os contemporâneos da Idade Média. Mas só é possível conhecer as razões dessa diferença se a pessoa se entregar ao que foi falado.

Entretanto, tudo isso está relacionado ao surgimento de algo muito importante no conjunto da moderna vida espiritual. É a formação integral da vida histórica na Idade Moderna. Se os senhores tentarem deixar fluir na sua concepção da história essa intimidade das nuances linguísticas, os senhores compreenderão porque, no período anteriormente citado, as nacionalidades européias se agruparam, quando até então haviam mantido outras relações entre si, quando até então o seu relacionamento fora dominado por impulsos absolutamente diferentes.

A maneira com as nacionalidades até hoje se organizam nos seus respectivos territórios na Europa tem a ver com impulsos interpretados de maneira completamente equivocada, quando na atualidade procura-se entender retrospectivamente o surgimento dessas nações na Idade Média ou na Antiguidade e não se considera que essa importante etapa {também} deve ser ultrapassada na vida anímica. Quando são tratados temas que na verdade exigem muitas considerações, só posso oferecer alusões aos senhores. O mais importante sobre esses temas devem ser deixado para a meditação pessoal, que encontrará aquilo que pode surgir dessas sugestões. O que eu mesmo gostaria de atingir por meio dessas sugestões é justamente oferecer uma representação mental, assim como é possível construir uma ponte da ciência espiritual para a visão e a compreensão da vida, como a ciência espiritual pode levar a pessoa a um mergulhar consciente na realidade na qual nós realmente vivemos.

Quando se considera os verdadeiros fundamentos dessas alusões, deve parecer coerente que muito de nosso atual tempo precisa de uma renovação em relação ao passado. Assim como através do carma cósmico somos colocados hoje em dia num ambiente que age arimânicamente de maneira muito especial, que deve fortalecer a nossa força anímica, de tal forma que, mesmo perante todos os obstáculos que surgem diante de nós como resultado da espiritualidade arimânica, podemos encontrar o caminho às esferas espirituais, igualmente a alma humana precisa hoje de outros elementos de apoio, diferente dos que existiram no passado. E isso tem a ver com o fato de que a arte em todas as suas áreas também deve percorrer outros caminhos.

5 Sínodo convocado pelo papa Urbano II, quando foi decidida a realização da primeira cruzada, {NT: ou seja a invasão da Palestina por tropas européias}.

Evidentemente, as artes falaram às almas que pouco estavam expostas às influências arimânicas de uma forma diferente do que precisam falar às almas que atualmente estão mais expostas a essas influências. O primeiro passo de todos rumo a essa arte, realmente o primeiro passo, que não é perfeito, deveria ser dado com o nosso prédio {o Goetheanum, em Dornach}. Tentou-se criar nesse prédio uma arte dirigida à atividade da alma, em conexão com a concepção integral da vida moderna, mas com a concepção espiritual da vida moderna.

Lembrem-se os senhores da trival e absolutamente vergonhosa comparação que eu fiz algumas semanas atrás em relação ao prédio⁶. Eu disse: que atitude deveria assumir aquilo que deveria ser o nosso prédio em relação a um edifício mais antigo, sobretudo que efeitos produzia uma velha obra de arte? Uma velha obra de arte gerava efeitos através de suas formas e de suas cores. Formas e cores geravam impressões. Esboçando de maneira esquemática (desenha no quadro negro){NT: o desenho não consta do livro}, se essa fosse a forma, ela produzia efeitos nos olhos {do observador}.

Aquilo que estava no espaço, aquilo que enchia a forma, agia. Com as cores ocorria da mesma maneira. As cores das paredes produziam efeitos. Eu disse que essa não era a nossa intenção com o prédio. Pois a intenção do prédio era {gerar o efeito parecido que produz} uma forma ondulada para pudim, que não está aí porque sim, mas por causa do pudim. Essa é justamente a trival e absolutamente vergonhosa comparação.

É isso é o que importa, que o que está dentro recebe essa forma e, quando a forma ondulada de pudim está vazia, mostra, na verdade, que para algo está aí. O que importa é o que a forma de pudim faz do pudim. No caso do nosso prédio, o que interessa é que o que a alma vivencia nos seus mais profundos fundamentos enquanto se encontra no interior do prédio, que a alma chegue até os limites das formas do prédio. Portanto, a obra de arte só é realmente sugerida por meio do que está contido nas suas formas. A alma humana vivencia mesmo é a obra de arte, na medida em que a vivencia ao longo das formas. A obra de arte é o pudim. O que foi construído é a forma de pudim e, portanto, aqui deve-se tentar proceder a partir de um princípio absolutamente novo.

Também as pinturas que estarão no nosso prédio não estarão aí para fazer efeito enquanto tais, como é o caso da antiga arte, mas para que a alma, na medida em se depara com que se encontra aí, possa vivenciar aquilo que a sua vivência conforma a obra de arte. Através disso, ocorre uma reformulação de um antigo princípio artístico em um novo princípio, que só pode ser significado na medida em que se fala que, na medida em que o elemento figurativo, o elemento plástico, é conduzido a uma etapa, é conduzido para uma certa vivência musical. Também existe o caminho oposto, ou seja o retorno do elemento musical para o figurativo, o plástico. Aqui eu só apenas posso sugerir tudo isso.

6 A pedra fundamental foi colocada em 20 de setembro de 1913. O incêndio do Goetheanum ocorreu em 31 de dezembro de 1922. {Steiner fala neste trecho da palestra sobre o prédio que ainda estava em construção}.

Essas são coisas que a alma humana não vai gerar arbitrariamente, mas que estão relacionadas aos mais íntimos impulsos que devemos vivenciar, na medida em que nos encontramos no primeiro terço da quinta época cultural pós atlante. Isto foi como que determinado pelas entidades espirituais que dirigem este desenvolvimento. Por toda parte tem que haver um começo. Agora bem, as pessoas que encontrarem algo imperfeito no nosso prédio podem ter a certeza de quem participou na sua construção vai achar muitas coisas mais imperfeitas do que aqueles que criticam, realmente muito mais. Existem falhas que as pessoas que só observam não enxergam. Mas isso não importa. Importante é que foi dado o primeiro passo daquilo que deve ser realizado.

Importante não é a perfeição com a qual poderíamos realizar o que devemos querer, mas que possa começar aquilo que deve surgir aqui na vida, que tenha um começo, mesmo que seja imperfeito. Pois tudo que surge como novo no mundo é imperfeito diante daquilo que é velho e perdura. O velho vive no mais elevado patamar e o novo ainda está nos seus primórdios. Isso é evidente. Amanhã vamos tratar das últimas observações feitas a respeito da renovação da visão artística de mundo, bem como da relação da visão artística de mundo com a totalidade da atual vida cultural.

* GA 275 A arte à luz da sabedoria dos mistérios Rudolf Steiner Verlag, Dornach, terceira edição, 1990.